

Resenha de “Pesquisar a experiência: compreender/mediar saberes experienciais”

Tatiane Peres Zawaski¹

Pesquisas no âmbito da/com a experiência estão, aos poucos, sendo reconhecidas no contexto educacional, o que, para Macedo (2015), é a criação de um cenário respeitoso, epistemologicamente, fator que dá ao tema sua devida importância. Pensar a experiência e validá-la é propiciar uma escuta sensível, assim como uma compreensão da vida que realmente dá sentido, a partir de uma multiplicidade de fatores que tendem a ser pesquisados e compreendidos.

Nesse sentido, o objetivo desta resenha é propiciar aos leitores reflexões sobre a importância do trabalho com experiência, proposto por Macedo, concebendo-as como fonte inesgotável de formação e autoformação docente. Entende-se que o trabalho com formação docente sempre está imbricado em uma (in)tensa relação com o(s) outro(s) a partir da possibilidade de descobertas de si e do outro, dando maior sentido às suas práticas.

Macedo compreende a experiência como uma inesgotável fonte de sentidos, assim como de conteúdos que servem de sustentação para escolhas, que tendem a mover objetivos pessoais e profissionais. Ainda assim, ressalta que por muito tempo ela esteve invisível no contexto educacional, não tendo o devido valor que merecia. Contudo, compreende-a como um laboratório, mesmo que incerto, cabendo ao pesquisador aprender a pesquisar e observar a complexidade humana que tendenciam essa aventura epistemológica.

A obra apresenta conceitos primordiais para pesquisadores e estudiosos que têm a experiência como seu objeto de estudo e, compreendem-na, como fundamental para o reconhecimento de processos cotidianos, que tendem a tornar o pesquisador muito mais do que um mero observador, mas um ser em construção, que se reconstrói a cada aprendizagem. Pesquisas da/com a experiência dialoga com memórias, histórias e narrativas que possibilitam o pensar-fazer docente com um olhar cuidadoso para práticas com experiências de vida, enquanto fontes inesgotáveis de dizeres e fazeres. O livro está organizado em cinco capítulos, apresentados na sequência.

No primeiro capítulo, intitulado “A experiência humana”, Macedo discorre sobre o desperdício de não se ter um olhar para pesquisas com a experiência, não permitindo que ela se torne um campo fértil de estudos. Ao trazer para o diálogo Larrosa (2013) faz com que o leitor se lembre-se de que a experiência é tudo o que nos passa, ou seja, a vida que se movimenta e produz sentido para mim e para o outro.

¹ Doutoranda em Memória Social e Bens Culturais (Unilasalle), Bolsista CAPES; Mestra em Educação, pelo Programa de Pós-Graduação em Educação(Unilasalle). Pós-Graduada em Psicopedagogia Clínica e Institucional (Cesuca). Licenciada em Pedagogia (ULBRA). Licenciada em Letras (Unilasalle). E-mail para contato: tatianeperes.zawaski@gmail.com

Ele compreende a experiência como um fenômeno relacional, já que se corresponde com o mundo, a linguagem, o pensamento, e com todas as nossas ações do que somos, fazemos e com os projetos futuros.

Trabalhar com a experiência é, na visão do autor, proporcionar diálogos com o coletivo que nos forma e nos transforma, é atentar para visões, opiniões e pontos de vista que representam lutas e significados, implicando legitimações e deslegitimações. Macedo entende a pesquisa com a experiência como um ato que compreende a presença do coletivo, vendo as instituições como espaços de relações e de interações.

No segundo capítulo, denominado “Etnopesquisa e experiência”, o autor apresenta a etnopesquisa e os etnométodos, reconhecendo-os como possibilidades para a compreensão da experiência, num âmbito epistemológico, afastando dos padrões de inspiração e atentando para outras formas de fazer pesquisa. Macedo discorre sobre a etnopesquisa caracterizando-a como um tipo específico de investigação sobre a experiência, que considera os atores sociais como produtores de significantes e de significados.

Quanto aos etnométodos, ele enfatiza formas de compreensão, percepção e intervenção, discorrendo sobre as narrativas como modos de “pensarfazer” (MACEDO, 2015, p. 30) a vida. Ele revela a necessidade de um planejamento rigoroso e responsável, qualificando tanto o ato de pesquisar como a pesquisa, prevendo a ética, o respeito e a valorização do que dizem os participantes. Atenta para a necessidade de uma escuta sensível e uma compreensão profunda, que “compreende compreensões” (MACEDO, 2015, p. 32), ou seja, “compreende” para aprender, para criação de relações e interações com o outro, entrelaçando espaços-tempos, dando sentido a existência e aos fazeres na produção de conhecimento.

No terceiro capítulo “Experiência, educação e formação” ele nos faz entender que a investigação de experiências educativas são formas de autoinvestigação, pois nelas revelamos a nossa visão sobre a educação e o sentido dela. Discorrer sobre o pensamento de Larrosa permite que os leitores reflitam sobre as relações imbricadas no saber da experiência, relacionando conhecimento e vida, e concebendo a experiência como algo que transforma, define e opta por percursos a serem seguidos na construção identitária profissional.

Macedo dialoga com Josso (2010), relacionando a história de um ator com as histórias de outros atores, valorando as experiências formadoras, que são articuladas com atividades, sensibilidades, afetividades e criatividade, que fazem parte de nossas memórias e histórias. Nesse sentido, Macedo reconhece a pesquisa da/com a experiência como contribuidora para uma permanente formação que propicia a “etnoaprendizagem” (MACEDO, 2015, p. 41) compreendendo a si e ao outro, em um processo de construção, desconstrução e reconstrução, em uma “*autopoiese* formativa” (MACEDO, 2015, p. 42).

O capítulo quatro “A centralidade da narrativa para se pesquisar-com a experiência” remete-se à narrativa enquanto a conferência de personagens em nossa vida. Nas narrativas são possibilitadas a construção de nossa história de vida, em que reflete vivências do eu do outro, com originalidade, escolhas e recusas de espaços-tempos e ações, lembradas e ressignificadas. Segundo o exposto por Macedo, as narrativas relacionam a vida e permitem aprender sobre elas e transformá-las em experiências por meio de realidades que criam redes de pertencimento, que nos formam e nos transformam.

Por fim, no quinto capítulo “Compreender a experiência: método, não método e etnométodos” o autor abre a discussão, a partir de instrumentos pesquisa que orientam caminhos e entrelaçam vivências e experiências dando sentido a elas, a partir do vivido e do lembrado. Macedo utiliza o “cartografar” como uma possibilidade de encontrar saberes de experiência, cujo interesse está no campo das relações e das interações que caminham para uma busca incessante quanto ao entendimento do ser e fazer a profissão.

Dentre os dispositivos de coleta e compreensão das experiências estão os “diários de itinerância” (MACEDO, 2015, p. 66) descritos, pelo autor, como uma forma de descrever suas ações e seus acontecimentos

diários, de modo que essas escritas irão predispor ao sujeito sua construção. Segundo Macedo, esses diários são utilizados em processos de formação permanente, com escritas de vivências, aprendizagens, dificuldades e críticas das quais decorrem uma “metaformação” (MACEDO, 2015, p. 67). Na atualidade, esses diários podem ser virtuais, já que facilitam a produção, o compartilhamento, bem como as discussões e as interpretações.

As “narrativas autobiográficas” (MACEDO, 2015, p. 71) oportunizam a escrita de si, a partir de uma recordação de fatos, selecionados pelos atores, relacionando uma ordem de acontecimentos do presente, passado e perspectiva futura. Ao mesmo encontro das narrativas, o autor atenta aos “memoriais narrativos” (MACEDO, 2015, p. 73), que trazem informações sobre as vivências desses atores. Para Macedo, nos memoriais os participantes ressignificam eventos significativos, por meio da memória, valorizando os fatos que serão apresentados.

As entrevistas narrativas (MACEDO, 2015, p. 75) proporcionam ao participante uma construção narrativa, a partir de um tema base, onde ele aborda suas experiências, sem a interferência do entrevistador. Nas “narrativas imagéticas” (MACEDO, 2015, p. 77), por meio de imagens são tecidas narrativas que dão sentido do texto e da imagem, construindo relações reflexivas que possibilitam um novo sentido para a experiência narrada.

Nas “rodas de memórias e conversas” (MACEDO, 2015, p. 82) é dado ao pesquisado um momento de diálogo e contação, onde ele percebe uma escuta atenta sobre suas vivências que formam, também, ao pesquisador. Os “Jornais de pesquisa” (MACEDO, 2015, p. 89) propiciam uma escrita a ser publicada, com um texto do dia, relacionando suas práticas, que permitem reflexão de uma experiência vivenciada e experienciada.

Em síntese, a obra conduz, aos leitores, uma maior compreensão das pesquisas da/com experiência, mostrando que as vivências entre pesquisador e pesquisado vão tecendo fios de significados, onde ambos aprendem e ensinam, estando em constante busca do conhecimento de si e do outro. Nas palavras de Macedo, a escrita é uma experiência única e singular, capaz de evocar imagens, memórias e histórias em um trabalho de compreender compreensões, por meio de uma escuta sensível, da valorização do outro em uma *autopoiese* constante de refazer-se e ressignificar-se.

Em contrapartida, pode-se fazer uma alusão aos estudos de Ponzio (2010), uma vez que ambos os autores dialogam, tendo em vista sua percepção quanto à presença de muitas ‘vozes’ neste percurso formativo. Ao se propor trabalhar com experiências os pesquisadores são levados a interpretar-compreender o eu, a partir de sua singularidade, manifestando como uma prática de autoconhecimento e de autoformação, já que a escuta e a escrita hospedam aprendizagens e possibilidade de reflexões.

Referências

- JOSSO, Marie-Christine. **A experiência de vida e formação**. São Paulo: Paulus, 2010.
- MACEDO, Roberto Sidnei. **Pesquisar a experiência: compreender/mediar saberes experienciais**. Curitiba: CRV, 2015.
- PONZIO, Augusto. **Procurando uma palavra outra**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

Submetido em: 03.04.2021

Aceito em: 03.02.2022